ANO I N.º 15
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Novembro de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

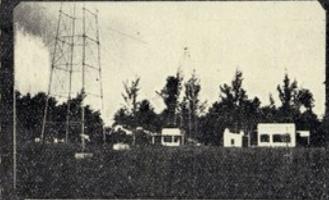
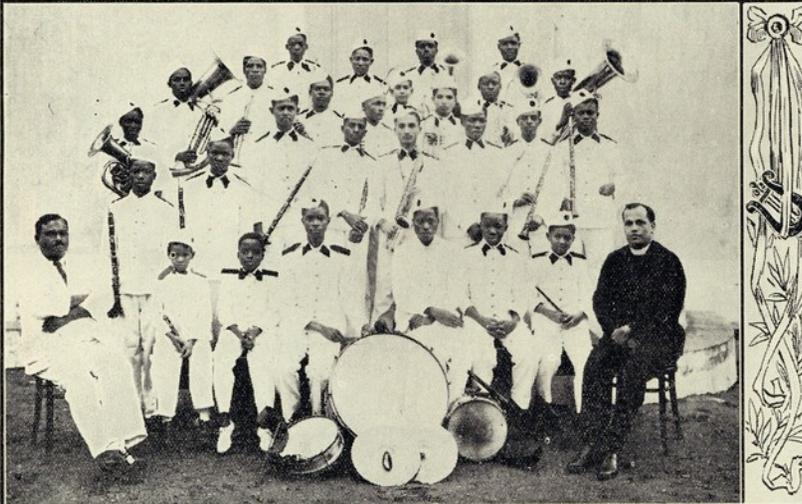
Propriedade da Emprêsa Tipografica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

CAMINHO DE FERRO DE MOÇAMBIQUE

Foto de A. Torres Fontes

NO LUMBO

Descarga de travessas para o mais extenso caminho de ferro da Colónia.

PAGINA DE QUELIMANE

EM CIMA: Futebol — A selecção do Chinde que foi jogar a Quelimane, composta pelos jogadores (da esquerda para a direita) Liberto, Seiça, Aniceto, Veloso, Jordan, Rui, Salgueiro, Amadeu, Espinha, Truber, Paulo e Abreu.

AO CENTRO: A banda de musica da Missão Católica de Quelimane, vendo-se à direita o Director da Missão, sr. Padre Saldanha e á esquerda o seu fundador e mestre da banda, sr. Frederico da Silva.

EM BAIXO: Futebol — A selecção de Quelimane, vencedora do encontro com a selecção do Chinde. Da esquerda para a direita: Ribeiro, Campos, Justino, Maia, Lopes, Martins, Pinto, Lobo, Tocha, Rebelo e Mendes.

NO FILME, de cima para baixo: Um aspecto da Rua João Belo; As instalações da Estação Radio; O sr. Governador do distrito, capitão sr. Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho, passando revista á policia no dia 5 de Outubro; Secretaria das Caminhos de Ferro; Residencia do director dos Caminhos de Ferro e um aspecto da Estrada da Circunvalação.

(Clichés J. Bentes)

O mundo tem vivido, nestes ultimos tempos, algumas horas de nervosismo e de ansiedade.

Haverá guerra?! Não haverá?... O telégrafo com os seus pontos de interrogação, com as suas exclamações, com as suas reticências; a Imprensa mundial com as suas duvidas, com os seus azedumes, as suas recriminações, os seus espasmos, os seus esgares, as suas ponderações, as suas ameaças, os seus receios — acusaram, como máquinas registadoras em extremo impressionaveis, a perturbação atmosferica internacional.

Haverá guerra?! Não haverá?..

Nesta terrivel paz armada — nesta hora grotesca dos desarmamentos... — um arrepio, um «frisson» percorreu os continentes todos, e mormente a Europa, e deixou suspensa a pregunta, a interrogação aflitiva, angustiosa:

Haverá guerra?! Não haverá?...

Porquê?... Porque a Alemanha, a ductil e misteriosa Alemanha, manejada, conduzida virtual e aparentemente por Hitler, saira dessa grande «blague» — a Sociedade das Nações — e abandonara os trabalhos dessa outra «blague»: a Conferencia dos Desarmamentos... Por isto. Simplesmente por isto!...

Haverá guerra?! Não haverá?...

E as interrogações aflitivas, espasmodicas, ficaram pairando na atmosfera... como prenuncio de tempestade...

* * *

Quando por vezes pensamos na imensidade do Universo; quando nos lembramos de que o espaço infinito é povoado por sessenta milhões de astros visiveis (e não se sabe por quantos milhões de outros) todas estas lutas entre os homens, neste misero planeta de acaso, se nos afiguram ridiculas e mesquinhas... E são-no, na verdade.

* * *

Um arrepio passou por todo o mundo... A Alemanha saira da Sociedade das Nações!... A Alemanha abandonara os trabalhos da Conferencia do Desarmamento!!... 'Que horror!...

Uma espectativa de angustiosa ansiedade: Que iria suceder?... E toda a gente esperava a guerra...

Mas a guerra não veio... ainda desta vez. Simples amuos...

Virá um dia? Talvez... Por onde?

* * *

Toda a gente, neste periodo de surpresas, de instabilidade e de grandes pontos de interrogação, arma em Bandarra... Toda a gente faz profecias. Toda a gente prediz o futuro, o visiona com contornos mais ou menos precisos e definidos. Até com antecipação de anos se marca o inicio do grande cataclismo. Há quem o tenha marcado para o proximo ano de 1934. Todos o esperam. Variam simplesmente as versões sobre as suas causas proximas, imediatas, sobre os povos que lhes darão origem e sobre a região da Europa que constituirá o primeiro e mais importante ponto de operações, — sobre o teatro da guerra... Há quem coloque esse grande palco no Mediterraneo... Outros noutros pontos.

E, como a fantasia é livre, como não constitui, por ora, monopolio de ninguem, não nos é vedado o fazermos profecias, o armarmos tambem em oraculo, em vidente dos acontecimentos...

* * *

Virá a guerra? É possivel. Quando? Dentro de cinco anos? Dentro de cinco meses? Não sabemos. Mas pouco tempo, por certo.

Se a catastrofe fôr possivel e inevitavel, parece-nos, porém, que não se iniciará no centro da Europa, que não será a Alemanha, com o seu Hitler e os seus nazis, que lhe dará origem. Desta vez... não — por muito que isto pese aos que vêem o futuro por esse prisma e de cada gesto do chanceler alemão fazem depender a estabilidade e a paz do mundo...

Virá a guerra do Oriente? A vir — parece-nos mais aceitavel, de maiores probabilidades, esta hipotese. Há muito que assim pensamos, que assim o vemos. Não é de hoje. Já o temos escrito. Enganamo-nos? Pode ser...

Factos recentes — tambem da ultima quin-

Crónica da Quinzena

zena, concomitantes com as atitudes nazis — apontaram-nos um maior nervosismo nas relações entre a Russia e o Japão: excitação mutua, desconfiança, vizeiras carregadas, grandes movimentos de tropas, surtidas de aeroplanos em reconhecimentos...

E o Japão preocupa. Preocupa-nos mais que a Alemanha. O Oriente é que chama as nossas atenções.

Há mais de cinquenta anos já escrevia Gustave Le Bon: «A luta mais gigantesca de que talvez venha a falar a Historia é a que, para um futuro proximo, se está preparando na Asia. Hoje a Inglaterra está no fastigio do poderio. Reina, sem rival, nos mares, governa a Escocia, a Irlanda, a Australia, o Canadá e as Indias, protege a Turquia e o Egipto, faz-se temer da Russia e obriga a China a sofrer as suas leis. Está no cume da sua grandeza mas está em equilibrio instavel. Gladston — um dos homens de Estado mais ilustres da Inglaterra — lançando a sua vista inquieta sobre o futuro, ainda há pouco, num interessantissimo artigo, predizia a proxima supremacia dos Estados Unidos e a ruina da Inglaterra».

E Gustave Le Bon, depois destas admiraveis previsões (feitas 34 anos antes da Grande Guerra de 1914-1918) acrescentava:

«No dia em que duzentos milhões de Hindus gritarem vingança por tantos milhões de homens mortos de fome; em que quatrocentos milhões de chineses, seus vizinhos, se recordarem de que foram dizimados pelo opio inglês; e em que a Russia, cujas fronteiras são vizinhas da India e da China, julgar favoravel a ocasião, que sucederá á poderosa Inglaterra? Só a Historia responderá a esta pregunta, mas poderemos facilmente prever que se ela deve resolver-se num gigantesco cataclismo, devemos procurar a sua principal causa nas profundas inimisades das raças sujeitas ás suas leis».

Ora, um outro país, um extraordinário povo, uma grande nação, surgiu: O Japão.

O Japão que — unico exemplo na historia — estando a viver, ainda há oitenta anos, isolado da civilização do seu tempo, mergulhado numa servidão mistica e feudal, arredado de todos os progressos do comercio e da ciencia mecanica ocidentais, consegue, em tão curto prazo, galgar alguns seculos e tornar-se numa das maiores potencias militares e em uma das mais fortes nações industriais do mundo! Muito justamente este notavel fenomeno tem sido considerado como o mais maravilhoso acontecimento, do genero, que os anais do mundo registam.

Toda a politica do Japão, de há 30 anos a esta parte, e mais desmarcadamente nestes ultimos tempos, só tem sido sistematica e tenazmente conduzida por este objectivo: reduzir a China á sua vassalagem, conseguir a sua conquista politica e economica. E cada vez se incarna mais nesse objectivo e mais se encarniça na luta metodica para o alcançar. Duas nações têm, por diversas formas, evitado, até agora, que esse objectivo se realize em toda a sua extensão: os Estados-Unidos e a Russia. Poderão consegui-lo sempre? Cremos que não...

Daí a possibilidade duma nova e formidavel guerra mundial em dias mais ou menos proximos.

Se as ambições imperialistas do Japão — das quais não desiste, nem desistirá — chegarem a efectivar-se, ele ficará, a bem dizer, o senhor de todo o Extremo-Oriente e o arbitro dos destinos de metade da Asia, ficando, ao mesmo tempo, com imensas e poderosissimas possibilidades de ameaçar a civilização ocidental. Se a China, á mercê do seu desespero, se lançar nos braços da Russia — que está fazendo frente ás arremetidas niponicas — e se for esta que vencer, então teremos toda a Asia mergulhada no bolchevismo e este, pela acção de diversos factores (internos e externos) contaminando a Europa e a América. Nem uma nem outra coisa a estas convem, por certo.

E, daí, — ao que se nos afigura — a inevitabilidade duma conflagração mundial.

Para breve?... Cremos que sim...

E com que consequencias? Não são faceis de prever com segurança — se bem que nos inclinemos para uma profunda transformação da organização politica e economica em todo o mundo...

Tudo o indica

S. C.

O bloco H. da Costa e a sua primeira produção

"GADO BRAVO"

Uma nova casa produtora de filmes portugueses acaba de se fundar. Preside aos seus destinos o conhecido distribuidor H. da Costa, um homem que conhece como ninguem, em Portugal, o que seja fazer cinema e explorar filmes. H. da Costa defende um ponto de vista sobremodo inteligente quanto á orientação a dar á futura produção portuguesa. Entende H. da Costa que devemos procurar produzir filmes de categoria internacional, de forma a que possam aspirar á exploração no estrangeiro. Condena assim aquelas produções tão cerradamente particularistas que só para nós tenham interesse.

Para que a nossa produção, portanto, possa ombrear com a estrangeira, é necessário que possua caracteristicas internacionais — o que de modo algum obsta a que nessa produção se patenteie em toda a sua originalidade e pujança o retinto portuguesismo que a deve distinguir. Em segundo lugar é indispensavel que, sob o ponto de vista técnico, ela nada fique a dever á média geral estrangeira.

Como entre nós não se encontram ainda, infelizmente, as competências necessárias para garantir semelhante resultado, torna-se indispensavel ir buscá-las ao estrangeiro, até que, num futuro mais ou menos próximo, já as possamos dispensar.

Foi nesta ordem de ideas que se organizou o plano do filme «Gado bravo», primeira produção do «bloco».

A realização foi entregue a António Lopes Ribeiro, o conhecido jornalista cinematográfico e cineasta, director da revista «Animatografo», o homem de quem o cinema português mais tem a esperar.

O filme é supervisionado pelo realizador alemão Max Nosseck, da moderna escola germanica, cineasta de largos e seguros recursos.

O primeiro operador é Heinrich Gärtner, o grande «cameraman» alemão, considerado o mestre dos exteriores na Europa.

Os autores da musica são o notavel maestro Luiz de Freitas Branco e o compositor vienense Hans May, um nome que se tem imposto nos meios musicais europeus.

O autor dos versos das canções é o conhecido poeta António Botto.

Como se vê, tudo nomes de excepcional valor, garantia segura dos melhores resultados artisticos.

* * *

«Gado bravo», ainda em realização, vai, sem duvida alguma, marcar uma data fulgurante na história da cinematografia nacional.

A acção do filme passa-se no Ribatejo, nessa região cheia de movimento e côr, entre toiros e campinos. A figura central do filme é a de um lavrador e ganadero, cavaleiro tauromáquico na plena posse das suas faculdades, que vê a sua vida e a sua carreira ameaçadas por uma aventureira cosmopolita, perturbante mulher que consegue desviá-lo do bom caminho por meio dos seus encantos irresistiveis.

O conflito focado é violento e movimentado. Grande parte das cenas que o desenvolvem têm como fundo aspectos vários da caracteristica vida ribatejana. O publico terá assim ocasião de admirar as principais fases da criação do gado bravo — apartações, tentas, ferras, etc. — e da faina agricola da região, quási toda consagrada ao amanho das «terras de pão» que, como é sabido, ocupam a maior parte da zona de cultura do Ribatejo.

A figura de «Manuel Garrido», o cavaleiro-lavrador, é desempenhada pelo grande actor Raul de Carvalho. A tentadora é Olly Gebauer, Miss Viena 1930, artista vienense de grande popularidade. Nita Brandão, uma rapariga portuguesa que agora se estreia no cinema, faz o papel da terna e simpática noiva de Manuel Garrido. Artur Duarte, o conhecido actor de cinema que tantos filmes interpretou na Alemanha, tem no filme um papel de relêvo, cheio de vida e de pitoresco.

Siegfried Arno, grande artista alemão, porventura o primeiro cómico europeu, interpreta a principal figura cómica do filme. Não é audácia afirmar que a sua criação em «Gado bravo» irá bater todas as anteriores.

Em três papeis secundários, mas de vincados recortes, aparecem ainda Mariana Alves, Alvaro Pereira e Armando Machado.

De cima para baixo: — Raul de Carvalho conversa com um campino na cena do filme.

Raul de Carvalho e Antonio Lopes Ribeiro, o protagonista e o realisador do «Gado Bravo».

Um plano do filme, que qualquer russo — dos grandes — não desdenharia de assinar.

A bela mascara dum comparsa: um campino.

A chegada da caravana ao local da filmagem.

Raul de Carvalho, Nita Brandão e Artur Duarte querem fazer crêr que são umas pessoas tristes...

Fotos de Luiz Nunes

Desportos no estrangeiro

Miss Gloria D. Minoprio, no campeonato inglês de golf para senhoras, usando um trajo que evoca a silhueta dum... rato de hotel!

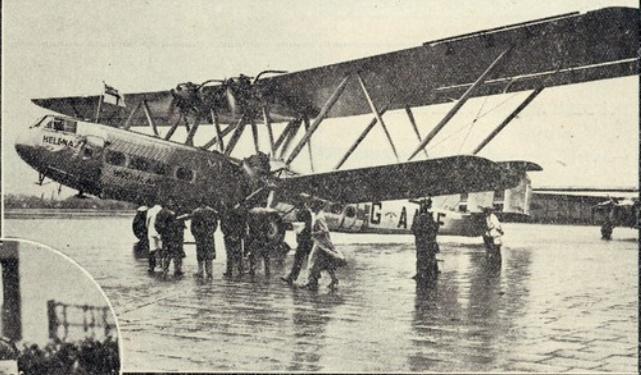
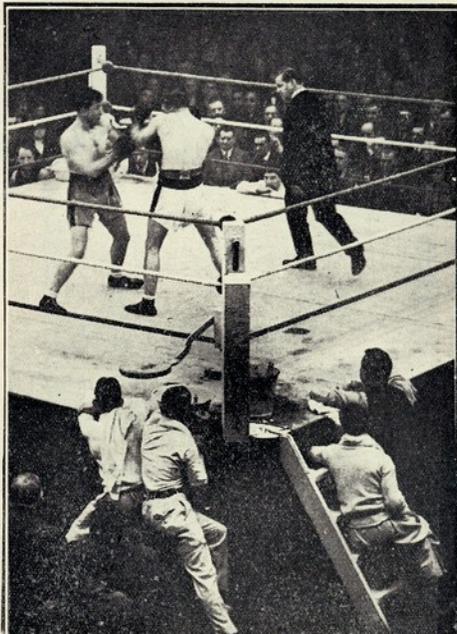
Uma fase do combate entre Jack McAvoy campeão médio da Gran-Bretanha e Archie Sexton (o que veste calções brancos) para disputa do titulo. Sexton foi «knock-out» no 10.º assalto.

Uma idéa nova. Durante uma tentativa de record de marcha, H. Whitlock, do Metropolitan Walking Club, era refrescado por meio dum pulverizador!... Por isso ou por outras razões Whitlock bateu dois records: o das 27 milhas e o das 4 horas. O anterior record das 4 horas estava em 26 milhas, 1593 jardas.

Londres-Cairo, pelo Mediterraneo. Uma nova carreira da Imperial Airways: 6000 milhas numa semana (ida e volta). O aparelho, «Helena» tem 42 logares. O itinerario é: Croydon, Paris, Marselha, Roma, Malta, costa de Africa, Cairo; 3 dias ida, 3 regresso.

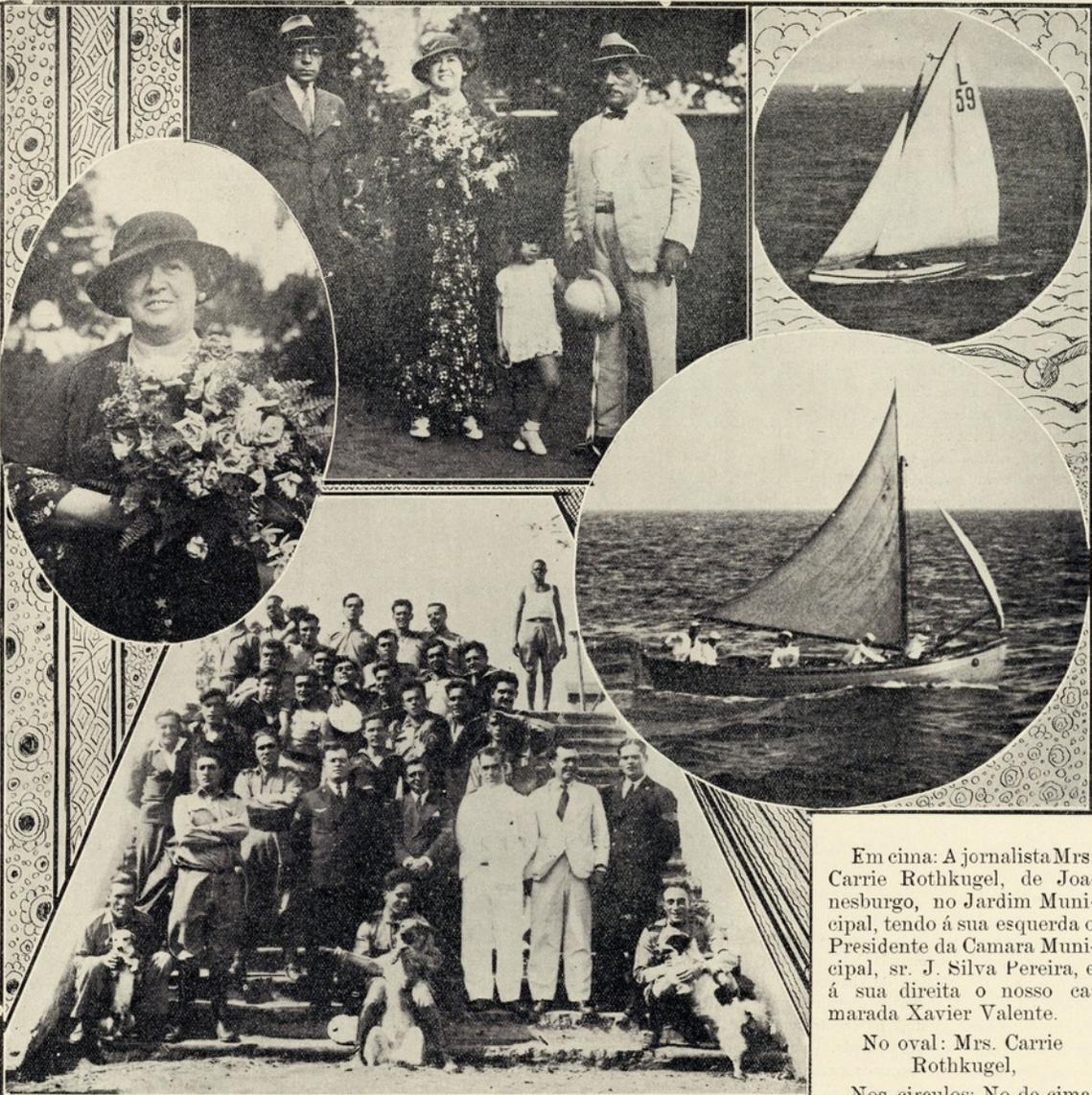
No medalhão: um «jockey» popular em Inglaterra: Gordon Richards.

Uma corrida de burros no estádio West Ham, Londres.

A corrida anual dos distribuidores de casas comerciais, em Maidstone, Kent.

Os miudos

Um terrivel desastre de automovel... aconteceu naquela terra... A imprensa de todo o mundo ocupou-se do horrivel acontecimento e o telegrafo — lembram-se? — durante muitos dias não falou doutra coisa...

Aqui temos uma das inumeras fotografias da tragédia... Inconvenientes de se não atender aos sinais dos policias sinaleiros...

A vitima do desastre — felismente... — não morreu e ali a vemos, na outra gravura, tendo-se apeado, de fato de banho, na estação duma praia, onde vai fazer uma cura de repouso, de banhos de sol e de mar... para assim se refazer das graves comoções do terrivel acidente...

Em cima: A jornalista Mrs. Carrie Rothkugel, de Joanesburgo, no Jardim Municipal, tendo á sua esquerda o Presidente da Camara Municipal, sr. J. Silva Pereira, e á sua direita o nosso camarada Xavier Valente.

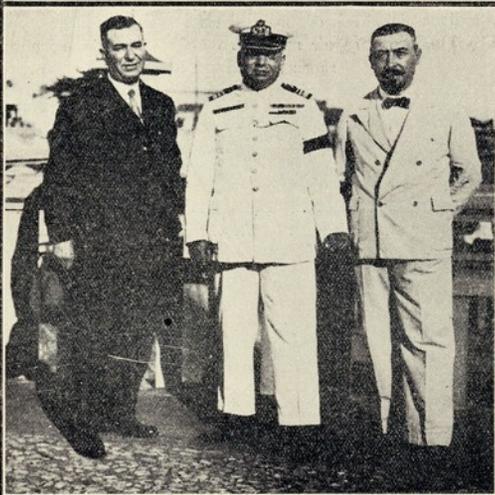
No oval: Mrs. Carrie Rothkugel,

Nos circulos: No de cima: a chalupa «Windspiel», timonada pelo sr. J. Kock; no de baixo: o salva-vidas do «Carvalho Araujo» timonado pelo 1.º sargento Prospero Luiz Afonso, classificados em primeiro lugar nas regatas organisadas pelo Gremio Nautico.

Ao centro: Grupo da assistencia ao almoço oferecido pelo team de futebol do Esquadrão de Dragões ao team de futebol do «Carvalho Araujo».

Em baixo: Da esquerda para a direita, o capitão de fragata, sr. Palma Lamy, que veio a esta cidade assumir o comando do aviso «Carvalho Araujo», e os comandantes Rocha e Cunha e Carvalho Dias, ex-comandante e ex-imediato do mesmo Aviso.

ACTUALIDADES

Um serão elegante

Em casa de Madame Andrade Dantas, espôsa do sr. Director dos Serviços de Colonização, jogava-se nessa noite o «mah-jong». Madame reuniu um pequeno mas distinto circulo, a quinta-essência da sociedade Lourençomarquina, com a novidade da apresentação da mulher do ilustre clinico Sampaio Torres, uma gentil morena, tipo de moira, recem-chegada da metropole. Estavam, com suas respectivas consortes, dois directores de serviços — o dr. Negrão e o engenheiro Felizardo — e madame Lima Tavares, cujo marido se achava no norte, com a brigada de estudos do caminho de ferro Porto Amélia-Metangula.

A partida de «mah-jong» terminava e já a dona da casa se levantara, dando discretas ordens ao Fafetine, solene e hierático na sua jaqueta engomada, debruada a azul e reluzente de botões de metal dourado.

Entretanto, na mesa regularizavam-se alegremente as contas. O engenheiro Felizardo, que ganhava sempre, conferia o seu monte de fichas gracejando. O dr. Sampaio protestava que com o corte de vencimentos tinha de acabar com o «mah-jong». E madame Lima Tavares, a propósito, declarou que logo que seu marido regressasse do mato fariam leilão da casa e embarcariam para Portugal.

— É que não posso! Como querem que três pessoas, eu, meu marido e o Carlitos, vivamos aqui com setenta libras? É impossivel, por mais economias que faça...

E com negligencia, abrindo a carteira de onde se evolou um aroma finissimo de Houbigant, pagou os quinhentos escudos que acabara de perder.

O dr. Negrão aproveitou logo o ensejo para uma critica cerrada ao governo metropolitano. E impando, baixo, o ventre bojudo a retesar o «smoking», deitou por terra com meia duzia de frases faceis, apontando em riste o dedo rechonchudo, a obra do dr. Oliveira Salazar. «Economias! Economias! Não percebem mas é nada de colónias, da vida colonial. Ingratidão! Esquecem todos os sacrificios do colono, o depauperamento, o esgotamento físico, a saude para sempre minada. Que se importam eles que nós morramos para aqui, desprovidos dos confortos que o clima exige? Ingratos, é o que eles são!»

O dr. Sampaio comentou para Felizardo, parodiando a eloquencia do dr. Negrão:

— Ingrata pátria, não possuirás as minhas gorduras!...

Mas já o Fafetine e um outro moleque entravam, começavam servindo «cup» em taças finas de cristal. Os homens formaram um circulo áparte. Andrade Dantas e Felizardo, fieis ás suas tradições, preferiram «whisky». E afundaram-se nos «maples», cochichando.

Na roda das senhoras, Madame Dantas ofereceu cigarrilhas. D. Violeta Felizardo, expirando uma baforada de fumo, abrindo escancaradamente as narinas, preguntou de subito, esgrimindo com a longa boquilha de marfim:

— Sabem alguma coisa da Ema Roldão?

— Eu esperava-a ontem para o chá, mas ela telefonou-me a dizer que estava com febre, respondeu madame Tavares.

— Mas disseram-me hoje que se lhe tinha declarado uma biliosa, acrescentou Madame Dantas.

— Oh! Coitada! lamentou D. Violeta. E para a mulher do dr. Sampaio Torres: — É das poucas senhoras em Lourenço Marques com quem nos podemos dar. Uma biliosa, coitada! Ainda ante-ontem estive com ela, por sinal que trazia aquele vestido novo de elefante-skin...

— Que está horrivelmente feito, comentou Silvia Tavares.

— Pois foi feito na Ester, disse-mo ela.

— Ora, filha! Mania das grandesas e dos luxos. Foi ela que o fez...

— Sim, ela tem habilidade, mas um péssimo gosto. Coitada. Fraca como é, receio muito que não escape á biliosa.

— Na praia constava que ela estava muito mal e que havia poucas esperanças de a salvar, disse desprendidamente Silvia Tavares.

Mas no grupo do dr. Negrão, Sampaio Torres e Tavares, um riso divertido esfusiou. As senhoras, curiosas, quizeram saber o que tinha sido, tanto mais que o dr. Negrão era conhecido como possuindo uma enorme colecção de historietas, e passava por saber da vida de todos e de todas.

— Não, minhas senhoras. É uma história só para homens. Não a conto, embora as historias só para homens sejam feitas, regra geral, por mulheres.

— Indecente! ralhou, a sorrir, a dona da casa.

— Dr. Sampaio! O senhor é que deve saber. A Ema Roldão está á morte?

— A D. Ema Roldão?! Essa agora... Ainda esta tarde a vi jogando o tenis no Grémio.

As senhoras entre-olharam-se num silencio constrangido... Silvia Tavares, negligente, retocando a «baton» os grossos lábios, murmurou com enfado:

— Ora vejam lá como se inventam coisas!

E Violeta Felizardo, com desdem, acrescentou:

— Uf! Esta Lourenço Marques é uma terra impossivel!

Madame Dantas renovava a «cup» nas taças. E ao vê-la servir com gesto desenvolto e firme, mergulhando a colher de prata no grande vaso de cristal, Silvia Tavares murmurou, em inglês, ao ouvido de Violeta Felizardo:

— Não pode negar: está ali a antiga «barmaid».

D. Violeta sorriu.

— Que me dizes da Sampaio Torres?

— Uma hipócrita, não te parece? Não fala, está a armar á superioridade... Uma presumida, que vem de Portugal sem vintem...

— E que vestido!

— Não tem «charme», não tem nada de distinto. Onde é que o Sampaio Torres iria descobrir isto? Alguma sopeirita...

Mas a opinião de Felizardo era diferente. Mirando-a de alto a baixo, dizia para Negrão:

— Interessante, não é? E que pinta! De resto, a bordo deu boa conta de si...

— O quê?... Palavra?...

— Já me informei. Com o telegrafista. A titulo de telegrafar para o marido, passava os serões na cabine.

— Vê lá no que te metes. Ela tem um aspecto distinto e sério.

Felizardo sorriu escarninho e encolhendo os ombros, prometeu envaidecidamente:

— Pois sim. Espera pouco...

Era já uma hora. Tasquinhavam-se sandwiches, bombons. De dentro, veio o estampido de rolhas que saltam... E logo o Fafetine entrou, com os baldes de prata em que gelavam garrafas de champanhe.

Lucia Negrão chegou-se a madame Tavares:

— Só queria saber como é que a Dantas se arranja para todo este estadão?

— Ora, menina! É por estas e outras que o marido já entregou o carro na garage. Nem a primeira prestação pagou.

— Sério? A mim, disse-me a modista que ela lhe deve para cima de trinta libras...

A distinta festazinha terminava. Marcava-se «rendez-vous» para de manhã, na Polana. Madame Dantas falou do proximo baile do Grémio Militar. E logo Silvia Tavares declarou o seu receio de que lhe não chegasse a tempo o vestido que mandara vir de Joanesburgo. Lucia Negrão piscou um olho malicioso para Violeta Felizardo, cuja boca empastada de «baton» trejeitou um desdem irónico.

Já se faziam despedidas quando uma discussão estalou, entre o engenheiro Felizardo e o dr. Dantas. Este acusava aquele de perseguir no serviço um tal Macedo, só porque o rapaz jogava o futebol no Sporting. O outro protestava que o Sporting é que andava a desencaminhar o rapaz, que sempre tinha jogado no grupo dos Caminhos de Ferro. E a discussão ameaçava azedar-se se as senhoras não interviessem, despedindo-se, beijocando-se, com repetidas «boas-noites»...

... ...

No carro do Estado que os conduzia a casa, madame Negrão, ao volante, dizia para o marido:

— Temos de dar um chá a esta gente. Bem vês, filho, não pode deixar de ser...

— É o diabo, Lucia. Ainda não pagámos no Hazis a conta do outro chá...

— Então, filho? Tem de ser. Olha: mandamos vir desta vez os doces do Scala...

M. C.

Terreiro do Paço

A Praça do Comércio é uma das portas da cidade de Lisboa. Porta aberta para o mar. Porta por onde entra a gente do Sul de Portugal, aquela que vem dos Alentejos e dos Algarves.

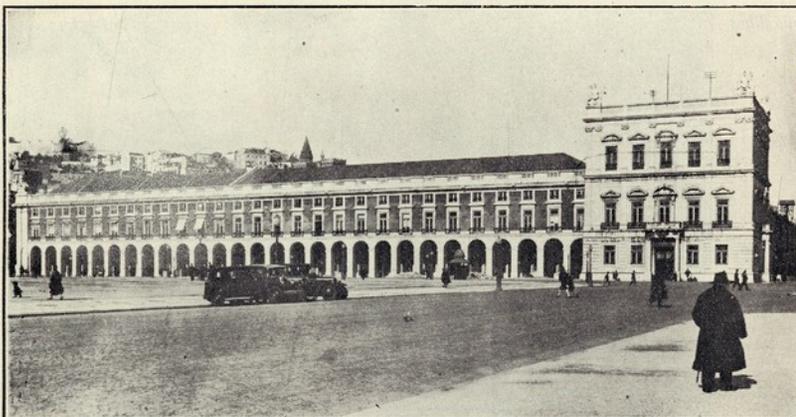
Larga, rasgada, espaçosa, a Praça onde ao centro se levanta a estátua equestre do Rei a quem a historia chamou «O Reformador», nome que decerto não teria recebido se não tivesse tido por seu primeiro ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, é sem duvida a maior praça do nosso País.

A estatua de bronze de D. José I foi inaugurada solenemente, e num medalhão na frente, de bronze tambem, lá está retratado o seu ministro.

Tem a Praça historia politica, historia tragica e historia humoristica.

Nela, foi nos tempos do Rei D. João — O Piedoso — o Paço da Ribeira, o Paço Real.

Transformado pela arquitectura pombalina, o Terreiro do Paço... da Ribeira, passou a ser a Praça do Comercio.

Os corpos de edificios ali construidos, com as suas arcadas, os seus torreões e o imponente Arco da Rua Augusta deram-lhe uma caracteristica propria. Nesses corpos de edificios se instalaram os ministérios de todas as pastas, que lá estão ainda á excepção do dos Estrangeiros, a Bolsa, a Junta do Crédito Publico, a Alfandega, a sede da Cruz Vermelha, etc.

Por ser lugar onde viveram e vive a organização, a maquinaria do Estado, o Terreiro do Paço ficou, para passar ás páginas da sua historia, como edificio da «industria» da politica portuguesa.

A Arcada do Terreiro do Paço foi a nossa Boceta de Pandora!

A historia politica do Terreiro do Paço é a nossa história politica; a historia trágica da Praça do Comércio é aquela que se escreveu na tarde do Regicidio e num capitulo tambem da trágica noite do «19 de Outubro»!

A historia humoristica, está na novela do «Conto do Vigário», e das «correntes de latão», que apesar de divulgada continua tendo sempre quem «a leia», junto do cavalo imponente de D. José, e que olhando os bichos de pedra vê desaparecer a massinha, as moedas e os penduricalhos dos barbantes de ouro que servem de corrente de relogio, e que vão no doce canto da sereia daqueles que esperam «um» que desembarque na ponte dos vapores do Sul e Sueste ou nas lajes do Cais das Colunas.

E, como todos os dias há quem se fie no conto do vigário, dai, ficou a frase: «Todos os dias desembarca um!»...

Tambem por vários ministerios deste Terreiro do Paço tem havido basto «conto do vigário» para o País!

Lá diz o ditado: «Diz-me com quem andas... !».

F. B.

ESCUTEM:

O dever de todos os pais...

é velar pela saude dos filhos!

Aproxima se o tempo quente, que depaupera as forças e deprime os organismos, principalmente o das creanças. Antes que ele chegue fortifiquem os seus filhos, dando lhes todos os dias uma ou duas chavenas de

OVOMALTINE

que é a saude

AGENTES:

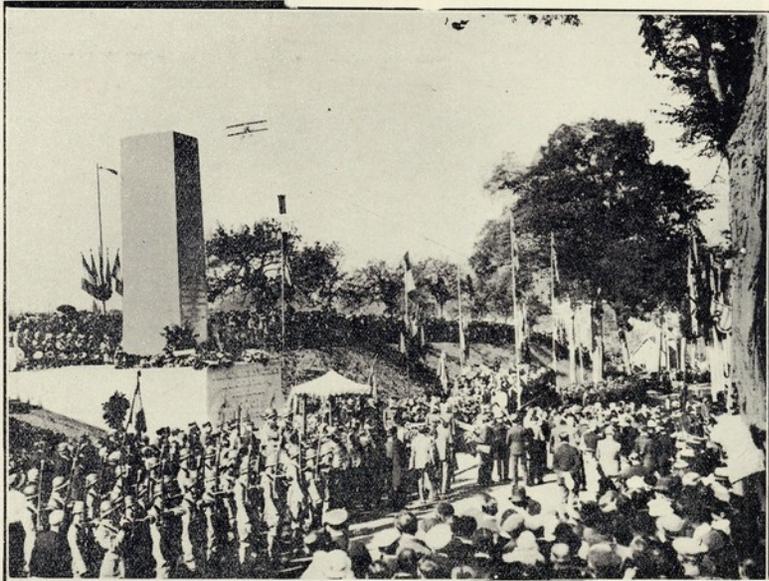
F. Bridler & C.ª Ltd.

Caixa Postal 65 Lourenço Marques

R. 101

Está na memoria de todos o terrivel desastre do dirigivel inglês R. 101 que se incendiou em 5 de Outubro de 1930, no norte da França, quando ia a caminho da India.

Este desastre, que representou uma grave perda para a aviação inglesa, emocionou todo o mundo e ainda não foi esquecido.

O grande dirigivel, que partira coberto de todas as bençãos e todas as esperanças da Inglaterra e que subira cortando elegante e nobremente o espaço, em breve, tomado pelas chamas, se transformava num montão de peças metalicas, curvas, contorcidas e ennegrecidas pelo fumo, proximo da vila de Allonne, a seis quilometros ao sul de Beauvais, no norte da França.

Levava 42 tripulantes e 16 passageiros, ao todo 58 pessoas. Do desastre apenas sairam com vida os seis homens que figuram na ultima gravura desta página e que são (da esquerda para a direita) os senhores Bell, Disley, Cook, Binks, Savory e Leech.

Os cadaveres dos outros foram encontrados carbonizados e assim retirados dos destroços do majestoso dirigivel. Entre os passageiros mortos contavam-se Lord Thompson, ministro da Aviação, Refton Brancker, o comandante Scott, os chefes da esquadrilha, Balstra e O'Neil, e o chefe das forças aérias indianas, major Bishop, que viajava como representante especial do vice-Rei da India.

* * *

Vão decorridos três anos...

Duas grandes nações — a Inglaterra e a França — acabam de prestar as devidas honras ás vitimas da catastrofe do R. 101.

No dia 1 do pasado mês de Outubro foi inaugurado, em Allonne, o monumento que foi erigido no local do trágico desastre em homenagem ás vitimas. A nossa gravura do meio da página mostra-nos uma parte da grande multidão que assistiu á cerimonia do descerramento do monumento emquanto os soldados franceses apresentam armas e um aeroplano desce em cumprimento.

A gravura do alto da página apresenta-nos os dois primeiros ministros, Ramsay Mac Donald (á direita) e Daladier (á esquerda), depois de haverem colocado no monumento as corôas dos seus respectivos países.

A solenidade foi muito impressionante.

ACTUALIDADES DO ESTRANGEIRO

1 — Policia sinaleiro londrino que só pode dar origem a... desastres. **2** *— O artista cinematográgico americano, Jack Oakie, numa escolha dificil.* **3** *— A encantadora estrela de Hollywood, Toby Wing, que sabe que tem umas bonitas pernas, sente-se feliz quando as mostra.* **4** *— Soldados de engenharia dos Reichswerh fazem manobras na costa do Baltico.* **5** *— A mulher inglesa adquire o vicio de fumar charuto.* **6** *— O chanceler austriaco, sr. Dolffuss, depois do atentado de que foi vitima, com o Cardeal Innitzer. Em baixo, o autor do atentado, Rodolfo Dertil.* **7** *— O dr. Einstein, celebre sabio judeu alemão exilado da Alemanha, falando no Albert Hall, Londres, sobre o tema «Equidade para os oprimidos».*

1 — Mussolini, com o seu estado maior, passa revista ás tropas em manobras em Cunep. **2** *— Grande manifestação nazi, em Buckeberg, onde se reuniu meio milhão de pessoas de toda a Alemanha, para acções de graças por terem sido grandes as colheitas.* **3** *— A peça automatica que dispara por minuto 100 granadas de 750 gramas.* **4** *— O enorme hidroplano que está apetrechado com a peça automatica. Tem uma velocidade de 200 quilómetros á hora, e um raio de acção de 1500 milhas.* **5** *— Um «Tank» que é a ultima palavra em carros blindados.* **6** *— O major van Rolleghem, das forças areas belgas, prova que com o seu invento os aeroplanos não ardem.* **7** *— Canhões anti-aereos montados em camiões, durante as manobras italianas.*

O mais antigo orgão noticioso da Colónia

Por muito que surpreenda, o primeiro orgão noticioso de Moçambique foi... o «Boletim Oficial», este mesmo Boletim que se nos apresenta agora, soturno, grave, laconico, — tão incolor e insipido que, além dos c'aturras, só tem leitores de obrigação ou necessidade.

Nos tempos remotos em que nasceu, — em 1854, — e durante muitos anos depois, ele não era apenas o repositorio da inexpressiva prosa burocrática, — decretos, portarias, acordãos, oficios...

Arquivava tambem, de cambulhada, sem discernir, com deliciosa ingenuidade, as noticias da Metrópole, os ensinamentos técnicos, os anhelos, os gritos de dôr, os esforços, os sonhos, as revoltas, as intrigas, os ridiculos, as desobrigas de cortezia, os anuncios particulares, e a simples verborreia, — em suma todas as expressões da vida de uma colonização atingida, em alto grau, de caquexia senil.

Só lhe faltavam gravuras, porque áparte as armas da corôa, a pesar no cabeçalho, e o perfil de duas embarcações, uma á vela outra a vapor, a servir de habitual filete do «movimento do porto», tudo o mais consistia em letra redonda.

Chamava-se «Boletim do Govêrno da Provincia de Moçambique» e passou a publicar-se semanalmente, desde 5 de Janeiro de 1855, a despeito da timidez com que, a principio, prevenira os assinantes de que «sairia com a maior regularidade possivel» — e era, muitas vezes, humanamente reinadio.

* * *

As notícias da Metrópole eram raras, e chegavam ao fim de seis meses.

O Boletim apressava-se a publicá-las, sob a epigrafe de «Noticiário» ou, a mais pitoresca, de «Variedades».

Ali se sabia do que ia por Portugal, — o trabalho da Camara, a Camara dissolvida, os esponsais do rei; a descoberta da falsificação de notas em Braga, com elogios á argucia do respectivo Governador Civil, detalhes sobre a acareação deste e daquele, o depoimento da estalajadeira, e mais a denunciadora mudança da Rua das Congostas, no Pôrto; os estragos da epidemia do colera-morbus, e o altruismo do rei; a demissão do guarda-mor da Torre do Tombo, Macedo, porque Alexandre Herculano se recusava a ir áquele estabelecimento prosseguir nos seus trabalhos historicos, «emquanto lá estivesse o mencionado Macedo»; a tourada de Vila Franca e a sua animação, — numero de carros, de trens, e de passageiros que se utilizaram do comboio; a viagem naval de D. Luiz; apreensão no Pôrto de vinho falsificado; um jornal inglês revela que na India se descobriram, gravados em troncos de arvores, versos portugueses do seculo XV e XVI...

De quando em vez, as novidades resumiam-se á declaração de que — «o reino gozava perfeita tranquilidade»...

Já naquela época, esta notícia desoprimia uns, desagradava a outros... «et pour cause»...

* * *

O Boletim assumia, porém, maior chiste, quando dava lugar a devaneios literários, ou inseria, nas suas colunas, artigos necrologicos.

Aparecia, então, um a exaltar os regosijos publicos, nos dias natalicios dos Reis, os quais filiava no exemplo de Roma «Cidade por Ex.ª como diz um grande escritor», especificava ele; outro maravilhava-se com o barco a vapor e o caminho de ferro, e, admirativo, mencionava o numero de vapores existentes na América, as milhas de caminho de ferro construidas. Nunca «desde o principio do mundo, houvera um século mais fertil em invenções»! O que diria, se vivesse hoje...

A secção necrologica também se intitulava, para variar, «Algumas lágrimas de saudade» e aí é que se manifestava, em toda a plenitude, a incontinencia prosodica dos colaboradores.

«Foi a truculenta fouce que desfechou o seu horroroso golpe!! Cessou aquele génio candido, franco, generoso e jovial! Ah! cruel Parca que nada respeitais!!»

ou:

«Verde folha que o vento arrebata e leva; mimosa flôr apenas nascida, pisada e murcha... Opulencia e grandeza do mundo reconhece o teu nada!»

Havia-os que, em meio da enfeitada comoção, revelavam primores de linguagem: «o primeiro fruto, o primeiro Gage de amor dum consorcio feliz...»; e os que botavam verso de pé quebrado:

«Foi ter á Pátria Angelica
Que o nosso prémio encerra
Não chores!... foi
Ao pátrio ninho seu!...»

Outro garantia, no fecho do panegirico necrologico do Sr. Carrão: «O nome do Sr. Carrão nunca esquecerá!» E afinal, oh! fatuidade das coisas humanas, o Sr. Carrão esqueceu já!

O abuso melodramático a ponto de se mencionar pormenores desnecessários ao elogio funebre: — «Eram 2 horas da manhã do dia 13 do corrente quando no meu aposento me vieram perturbar o doce sono anunciando-me que F... estava a expirar; corro a casa de seus pais, etc.».

E eram colunas inteiras de lamentações deste género, a tresandar a Principe Real e aos seus grosseiros dramas de faca e alguidar.

* * *

Tinha o Boletim pretensões a revista técnica, e, com frequencia, abarrotava de ensinamentos agricolas, de historia natural, de medicina, de geografia de Africa: e nesse capitulo, publicou suculentas dissertações sôbre a cultura da cana do açúcar, do algodoeiro do tabaco, da indigoeira, ou anil indigo que tem aplicação na tinturaria; da drenagem e o enxugamento das terras alagadas; sôbre o guano, o cauchu, a gutta percha, o arroz de sequeiro; sôbre o insecto chamado a «cochonilha», sôbre o bicho da seda do ricino, e sobre a vacina, etc.

Em certa altura, até um leigo jesuita divagou longamente ácerca da «arte palmarica» — equivoca maneira de designar as regras da cultura e tratamento dos coqueiros.

Não regateemos ao Boletim, os mais rasgados elogios, por esta orientação: assim, a teoria não faltava em matérias que interessavam aos agricultores. Simplesmente dava-se o caso que, destes, os europeus, bem raros, ou eram analfabetos, ou não compreendiam a prosa «guindée» dos expositores; e os indigenas porventura não se preocupavam em assinar o «Boletim Oficial»...

Por estes e outros minimos inconvenientes, de dificil previsão, fracassam, quási sempre, entre nós, as inteligentes providencias da burocracia...

* * *

Todavia, por aquele processo, ficavam arquivados no Boletim os metodos proprios ao desenvolvimento scientifico da agricultura e da colonização. Faltava apenas uma coisa, — desenvolver a agricultura e a colonização.

Foi o que se tentou, como consta do proprio Boletim.

Em 1855, enviou-se para o Bazaruto um grupo de colonos, sob a direcção de Duarte da Fonseca. Chegados ali, grande contentamento: havia boas e abundantes perolas e aljofar, o continente e ilhas eram fertilissimos, o comercio facil e rico.

A colónia designou-se logo «D. Pedro V»; á ilha deu-se o nome de «Santa Carolina»; á fortaleza em construção o do Governador Geral «Vasco Guedes».

Regulamentos, emprestimo de ferramentas pelo Estado aos colonos.

Depois, o silencio gradual...

Em Outubro de 1857, chegam de Portugal 60 colonos, incluindo 15 mulheres, destinados ao estabelecimento agricola da baía da Pemba, a baía que serve actualmente Pôrto Amélia. Grande parte é de analfabetos, assina os documentos de cruz.

Sob a direcção do governador de Cabo Delgado, oficial da armada, vindo com eles da Metropole, tratam com os regulos da região, escolhem terreno junto á praia, constroem-se as acomodações para as oficinas, para a tropa e para os colonos, e uma pequena capela.

Entusiasmo louco: «o mencionado territorio pode ser comparado á nossa Provincia do Minho!» (textual) — E não houve, logo ali, um raio misericordioso que fulminasse os colonos, para os castigar da blasfemia, e os poupar á tremenda desilusão!

A região, — exclamavam eles, — era fertil, fresca (em Dezembro, quando se instala a colonia?!), capaz de produzir tudo, até tomates e aboboras!

Coitados dos desgraçados! Tinham ensandecido. Nada mais faltava para se perderem.

O Estado dá as sementes, as ferramentas, e o mais necessário ás actividades destes ingenuos.

Decorre pouco tempo. Ao fim de três meses as febres saltam sôbre todo este optimismo e correlativa imprevidencia. De 24 de Março a 8 de Maio de 1858, o impaludismo mata 9 colonos.

Depois as noticias passam a ser vagas. Apenas sabemos que em finais de 1859, o Governador de Cabo Delgado reclamava sacerdotes para propagar o evangelho... e o amor ao trabalho! Esqueceu-se de pedir quinino e médico. E daí talvez fosse mais acertado o sacerdote, — para a extrema-unção!

* * *

Isto em rápida vista do Boletim, e sómente até ao ano de 1859, — quando Lourenço Marques era um presidio insignificante, e a capital da Provincia, velha de três séculos e meio, estava em Moçambique.

Porque é inesgotavel de pitoresco o primeiro orgão noticioso da Colónia.

De pitoresco e de tragico, — a trágica lição da nossa inveterada imprevidencia e falta de organização e pertinacia no esfôrço.

9 Outubro 1933.

ANTONIO DE SOUSA NEVES.

Da esquerda para a direita e de cima para baixo: *Uma linda capa de raposa prateada, feita de magnificas peles dispostas duma maneira moderna; à esquerda uma pequenina capa de arminho apertada no pescoço. Modelos da Casa «Marshall and Snelgrove» de Londres. — Encantador vestido de jantar em veludo castanho-mogno, com um lindo «empiecement» de renda beije, debruado com um pequenino folho de veludo. As mangas de tufo descaidas dos ombros mostram-nos a influencia Veneziana. Modelo da casa «Baroque», Londres. — Original toilette de noi e inspirada numa estatueta chineza. E' de tafetá cinzento-azul. A saia com folhos de plissados. O enorme laço, remata o decote bastante subido, e as mangas espetadas, rijas, são toda a novidade. O corpo é descido e a saia estreita. Modelo da Casa «Baroque», Londres. — Pijama de praia em lã azul marinho com gola imitando uma boia branca.*

A leva dos condenados

... E continua a passar, na minha frente, a multidão dos possessos, dos desvairados, dos perdidos... daqueles que se deixaram prender pelo rodizio policromo e perturbante da tentação...

Lá vão eles... Lá vão eles a passar...

Parecem forçados caminhando, destroçados, sobre as areias adustas dum deserto, sobre as neves geladas duma região polar, sem rumo, sem destino, silhuetas da dôr, tragicas sombras, imagens corporisadas dum sonho opiado, figuras fluidicas recortadas vagamente num cenário de lenda que tivesse por pano de fundo os laivos rubros dum ocaso sangrento e torturado...

Lá vão eles... Lá vão eles a passar...

É o cortejo do sofrimento e da desgraça... Fazem lembrar, neste desfile tragico e soturno, as levas dos condenados, «nos grandes gelos russos», a caminho dos horrendos presidios da Siberia...

Quem são eles?!... Alguns conheço-os... A sua historia é triste — triste e grotesca... Grotesca e triste...

... ...

Aqueles que alem vão?... Aquele grupo de três sombras?... Aquelas três silhuetas, muito unidas, como se fossem troncos nus duma mesma arvore ressequida e morta?... Uma familia: marido, mulher e filha... conheci-os...

... ...

Conheci-os em Algés, se bem me recordo em Setembro de 1923...

Ele era oficial do exercito, capitão de infantaria se a memoria me não atraiçoa. Vestia sempre á paisana. Bem posto, á vontade fora da farda, distinto de maneiras, rigorosamente escanhoado, um esplendido anel de brilhantes, uma grande pérola, verdadeira, na gravata discreta... A mulher e a filha, senhoras de bem marcada elegancia, vestindo com fino gosto, sem exibições de novas-ricas; uma simplicidade distinta, intrinseca, natural, insinuante, que não soava a falso. Simpaticos todos três. A rapariga — uns 19 anos desabrochados e repletos de recatados e cativantes encantos — era formosa e tinha um ar ingenuo e sereno de noviça conventual. Retirada do ambiente, metida dentro dum habito, daria uma freirinha adoravel. Madeixas dum loiro cru sem fulvas crepitações, olhos azuis, tranquilos, infantis, por onde não passava nunca a vaga repercussão do eco de um pecado, a remota e imprecisa ansiedade dum arrepio da carne...

Ninguem a diria uma flor do vicio...

Andavam sempre juntos — os três. Onde viviam? Não sei. Não me lembro de os ter visto uma só manhã, uma só tarde na praia... Tão pouco na esplanada... Quem quizesse vê-los era entrar no casino de S. José de Ribamar. De tarde. Á noite. Era certo. Não faltavam. E jogavam. Jogavam sempre — os três. Jogavam tudo: a roleta, o monte, a banca francesa...

A sorte bafejava-os. Todas as tardes — na sessão da tarde — apuravam lucros apreciaveis. E desciam, depois, ao rez-do-chão, bem dispostos, alegres mas discretos, á sala de jantar do restaurante. Para que nada lhes faltasse, um esplendido quarteto cercava-os de boa musica emquanto saboreavam as salchichas com couve lombarda, a galinha corada, o leite-creme ou o puding, tudo isso regado por um delicioso champanhe francês... E, findo o jantar, subiam ao salão do primeiro andar para jogarem até ao ultimo golpe...

E continuavam a ganhar... a ganhar sempre!

... ...

Houve uma noite —lembro-me como se fosse hoje — noite de sorte como nenhuma outra, em que o lucro dos três, perante o espanto de todos, ultrapassara a casa dos cinquenta contos...

Observei-os: Discretos, sem exuberancias, com correcção.

O dono do Casino — muita gente ganhara tambem naquela noite — palido, com um sorriso postiço afivelado com arte: o sorriso martirisado das grandes ocasiões..., um sorriso aprumado, distinto, — aprumo e distinção que eram feitos de angulos, de arestas, de serrilhas, de contundencias...

(Não havia dinheiro que chegasse... A diversos pagara com cheques... Cheques a descoberto... O que o levou — ao dono do Casino — a ir no dia seguinte, muito cedo, á Casa Tota, na hora da abertura, obter o favor e a garantia do pagamento dos cheques que passara...).

Mas aquela noite não fechara assim... Aqueles 19 anos desabrochados, candidos, castos; aqueles cabelos loiros, dum loiro cru sem fulvas crepitações; aqueles olhos azuis, tranquilos, infantis, por onde não passava nunca a vaga repercussão do eco de um pecado, animaram-se de subito... Pelo espirito da adoravel freirinha passara uma idea bizarra... E comunicara-a aos pais, baixinho. Aprovações discretas.

Momentos depois, como por encanto, os criados subiam com bandejas transbordantes de taças e com garrafas de champanhe francês...

E por entre a batalha das rolhas que saltavam e os sorrisos distintos e aprumados do dono do Casino — sorrisos feitos de angulos, de arestas, de serrilhas, de contundencias... — toda aquela gente, homens, senhoras, meninas, rapazes, erguem a sua taça pelas prosperidades crescentes e eternas daquela afortunada familia..., pelas felicidades sem fim daqueles cabelos loiros sem fulvas crepitações, daqueles olhos serenos de noviça conventual por onde nunca passava a mais imprecisa e remota ansiedade dum arrepio da carne...

E assim findara aquela noite entre a espumante e vaporosa apoteose daquele fim de teatro...

... ...

... ...

Nunca mais os vi — aos três! Perdi-os de vista. Nunca mais soube deles. Não mais os topei no meu caminho, nem neles voltei a demorar meu pensamento... A vida tomou-me.

Passam-se dois anos, talvez mais de dois... Tarde de inverno... Frio... Desço a Avenida da Liberdade aconchegado no meu sobretudo confortavel.

Num banco, um grupo de três pessoas — um homem e duas mulheres—prende-me de subito a atenção. Um quadro de decadencia e de miséria! Fato e vestidos no fio, rostos palidos e de fome, tristesa, velhice prematura, sofrimento evidente, abandono, desgraça... Há qualquer coisa de trágico e grotesco, de grotesco e trágico, naquele grupo de três sombras mudas, naquelas silhuetas muito unidas, como se fossem três troncos nus duma mesma arvore ressequida e morta... E ia a passar adiante, com o coração confrangido, quando reconheci aqueles olhos azuis, tranquilos, infantis, por onde ninguem vira passar a vaga repercussão do eco de um pecado, aquelas madeixas dum loiro cru sem fulvas crepitações...

Eram eles — os três...

... ...

... E continua a seguir, na minha frente, a multidão dos possessos...

Lá vão eles... Lá vão eles...

Parecem forçados caminhando sobre as areias adustas dum deserto... Fazem lembrar neste desfile trágico e soturno, as levas dos condenados, nos grandes gelos russos, a caminho dos horrendos presidios da Siberia...

Lá vão eles... Os perdidos, os desvairados, os que se deixaram prender pelo rodizio policromo e perturbante da tentação... Sem rumo... sem destino... tragicas sombras... vagabundas silhuetas da desgraça e da tortura... imagens corporisadas dum sonho opiado...

SOBRAL DE CAMPOS.

Almirante Magalhãis Correia

Chegou no dia 28 de Setembro á Beira pelo vapor «Quanza» S. Ex.ª o Sr. Almirante Magalhãis Corrêa, que vem governar os Territorios de Manica e Sofala.

A chegada dum novo Governador deixa sempre desassossegado o espírito de todos os empregados, na incerteza do que se irá seguir, mas desta vez todos estão tranquilos e confiantes, pois o Sr. Almirante Magalhãis Corrêa, além de ser um dos mais distintos e valorosos oficiais da nossa marinha de guerra, o ilustre marinheiro a quem a Pátria deve o ressurgimento da sua armada, é um colonial de vasto saber, de criterioso bom senso, cujas acções são sempre o reflexo dum caracter nobre e justiceiro.

A nomeação do Sr. Almirante Magalhãis Corrêa vem provar claramente que o Governo tem a visão certa das nossas necessidades coloniais, entregando os destinos dos nossos territorios, descobertos por portugueses e conservados á custa de tanta luta, de tanto sacrifício, sob a protecção valorosa dum dos maiores portugueses, a quem a Pátria ficará eternamente devedora.

As fotografias que ilustram esta notícia são testemunho da manifestação de simpatia e apreço de que foi alvo S. Ex.ª por parte de toda a população da Beira.

Beira, Outubro.

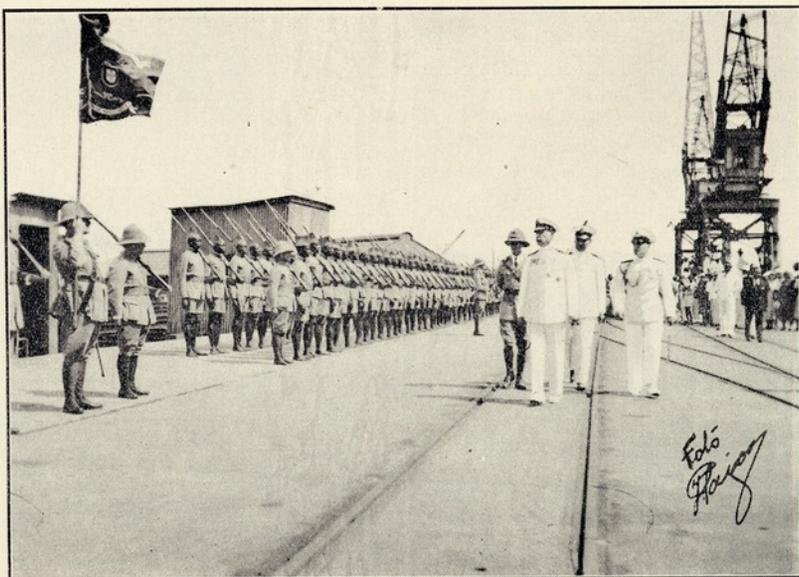
HELENA DE PORTUGAL.

Em cima:

Cais do Pungue no momento da chegada do «Quanza» onde vinha o almirante Magalhãis Correia, novo Governador dos Territorios de Manica e Sofala.

Ao centro e em baixo:

Sua Excelencia o sr. Almirante Magalhãis Correia passando revista às tropas que fizeram a guarda de honra.

...de bom humor

Carta aberta

ao representante de Portugal no Congresso para a protecção ás espécies raras da fauna e flora de Africa.

Senhor: Seguindo o exemplo do sr. comandante José Cardoso, que em tempo oportuno dirigiu á já defunta Conferencia Económica Internacional uma carta aberta que parece não ter chegado ao seu destino, talvez por falta de franquia, eu permito-me vir fornecer a V. Ex.ª algumas indicações sobre algumas espécies raras da fauna e da flora desta Colónia, para as quais reclamo a atenção de V. Ex.ª e do preclarissimo Congresso.

Simples subsidios, a titulo de informação, serão porventura dalgum interesse para V. Ex.ª. A ser assim, a minha modestia leva-me a pedir a V. Ex.ª que não declare meu nome no Congresso.

Pôsto o que, entro propriamente na matéria.

A — Fauna. A espécie propriamente dita «colono» — «colonus vulgaris» ou «sertanejus » — parece em via acelerada de extinção, ao passo que tem tomado assustador desenvolvimento a larva burocratica. Daquela espécie perdura ainda uma das variedades — «sentenciadus morbidus» D. S. M. — mas o Estado encarregou-se de aniquilar em grande parte a outra variedade, o «pôsto imediato», em especial o género mavortico ou militar. É facto que aparecem ainda alguns exemplares de «pôsto imediato», género paisano, mas degenerados, com tendência para o fino, parasitas da cidade.

Seja como for, porem, o facto é que uma das familias desta espécie está em vias de total desaparecimento. É o agricultor, comummente conhecido por «machambeiro», e que alguns designam «ingricultor brito-camachorum». Este bicharoco é sem duvida um dos mais interessantes da Colónia e cuja selecção, apuramento e multiplicação conviria promover.

Até há poucos anos esta familia pululava, numerosa. O seu habitat não pode ser delimitado. Dispersara-se pelo territorio. Os pontos em que vive chamam-se concessões, ou machambas. Estas nem sempre eram situadas nas áreas mais convenientes ao desenvolvimento do «machambeiro», que necessita de terra boa, humosa e bem regada. Assim é que muitos sucumbiram á sede.

A actividade destes bicharôcos exercia-se, em geral, no desbravamento de florestas e limpesa de mato, e na maior parte dos casos po aqui se ficava, pois são em via de regra rudes, pouco esclarecidos, necessitando de ser domesticados — isto é: adaptados, ensinados.

O «machambeiro» alimenta-se em geral de massas «crédito agricola», de que a industria local se tem mostrado pouco produtiva, e ainda por cima má distribuidora, quer deixando azedar alguns «stoks», quer fornecendo-os com mão pródiga a certo comilão por grosso, verdadeiro Gargantua, espécie de galinha dos ovos de oiro que põe para proveito próprio.

Estas indicações bastam para fixar o conhecimento de V. Ex.ª acerca desta familia, de que hoje há apenas um ou outro raro exemplar.

Outras espécies há que acusam indicios de extinção proxima, rareando já hoje os exemplares genuinos. Para não sobrecarregar este trabalho, limito-me a nomeá-las: chefes de serviços competentes; vereadores municipais; policias capases de descobrirem os ladrões; cavalinhos de libras; «homo pagantis», ou seja o homem que não pregue calotes; e portugueses ás direitas que metam o Império na respectiva ordem.

Passarei agora a uma rápida digressão pelo capítulo

B — Flora. Antes de mais nada, há a lamentar o desaparecimento quási total da «árvore das patacas». E digo quási total, porque há ainda um ou outro felizardo que se banqueteia com os frutos do unico exemplar que ao que parece existe ainda, em lugar secreto, á sombra do Orçamento. Como não suponho possivel fazer reviver esta espécie, pela falta de adubos de vacas gordas, seria conveniente mandar arrancar aquele exemplar, para que uns não comam os figos e a outros rebente a boca... de fome.

De importancia secundária, todavia aconselhavel, é o apuramento das árvores genealógicas, pois há por aqui muitas pessoas que se dão ao trabalho de plantar de estaca bastardissimos ramos, que querem fazer passar por de boa cepa.

O pior de tudo, Ex.mo Senhor, é a falta de milho. A Colónia não tem milho!... As qualidades «mussôco» e «deferred-pay» (semente da Africa do Sul) têm tido um assustador declinio. A colheita ou cobrança diminui em terriveis proporções. Aqui há pouco tempo eram quilos para a direita, quilos para a esquerda. Agora, a falta de maçarocas reflete-se em todos os sectores da vida da Colónia.

Em Inhambane há um côro aflitivo, desde que deixou de ser possivel dizer ao preto «chucha que é cana dôce», pois a plantação de cana está proibida, o que tem impedido a cruzada evangélica dos cultivadores daquele distrito dando de beber a quem tem sêde.

E concluo, Ex.mo Senhor, solicitando ainda a sua atenção para as mil e uma coisas que andam por cá a pedir enxerto...

E levantando um «viva» pelo Congresso, sou de V. Ex.ª

Humilde colaborador,

XICO AZEDO.

Conta-gôtas

Um marselhês em viagem de turismo visitava os pampas do Chile. Os marselheses são fortes em fanfarronadas, como os espanhois...

Avistando uma manada preguntou ao guia que animais eram.

— São bois, elucidou o guia.

— Bois?! Essa agora! Na minha terra os bois são duas vezes maiores!... E aqueles outros animais ali á direita?

— São carneiros.

— Pff!... Na minha terra os carneiros são seis vezes maiores!

Nisto, passa um bando de macacos cabriolando, aos saltos.

— E então estes o que são?

O guia responde con indiferença:

— Ah! Esses são pulgas...

E o marselhês embatucou.

* * *

No comissariado.

— Quere dizer: em vez de restituir a carteira, obedeceu a um mau instinto que fez com que a guardasse.

— Perdão, senhor comissário. Não foi um mau instinto. Foi o instinto... da conservação.

* * *

Bernard Shaw, que goza do privilégio de ser chamado homem de espirito por dizer coisas que a qualquer outro classificariam de malcriado, uma vez, numa festa de beneficência, dançava com uma dama já gasta e «entradota». A dama, desvanecida, agradecia-lhe:

— Como o Mestre é amavel! Dançar com uma mulher tão sem importancia, como eu...

E o autor de Santa Joana, num sorriso feroz:

— Mas, Madame! Não estamos nós num baile de caridade?

* * *

Mike: Que tempo! Na verdade, Pat, tu não podes voltar para casa debaixo duma carga de água como esta. Passas aqui a noite.

Pat aceita. Desaparece durante um quarto de hora e depois volta, encharcado até aos ossos.

Mike: Mas então... Onde diabo fôste tu?

Pat: Ora essa! Fui a casa buscar o pijama!...

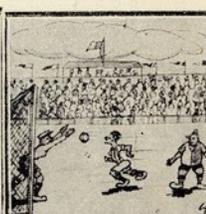
Bosquejo histórico da colonização de Moçambique

Por mares nunca dantes navegados...

Idade heroica: a Espada e a Cruz

A andorinha do Progresso e o melro da Civilização

Colonização agricola

Higiene pública

A realização máxima

FUTEBOL

Damos nesta pagina as fotografias de alguns teams que se encontraram em desafios particulares durante a quinzena.

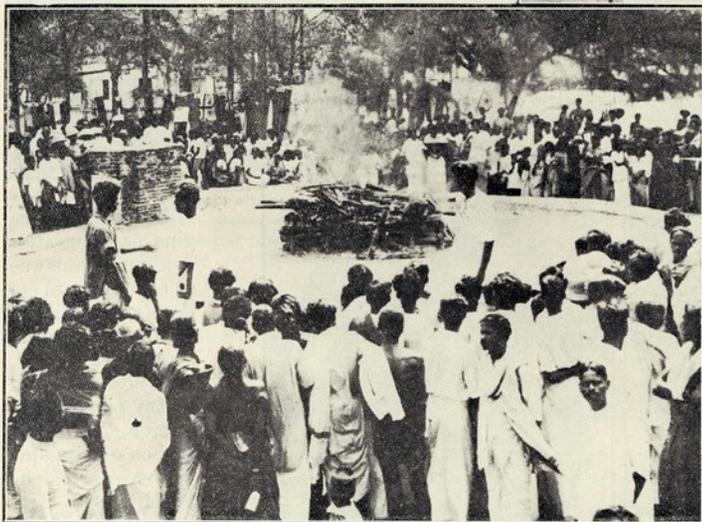
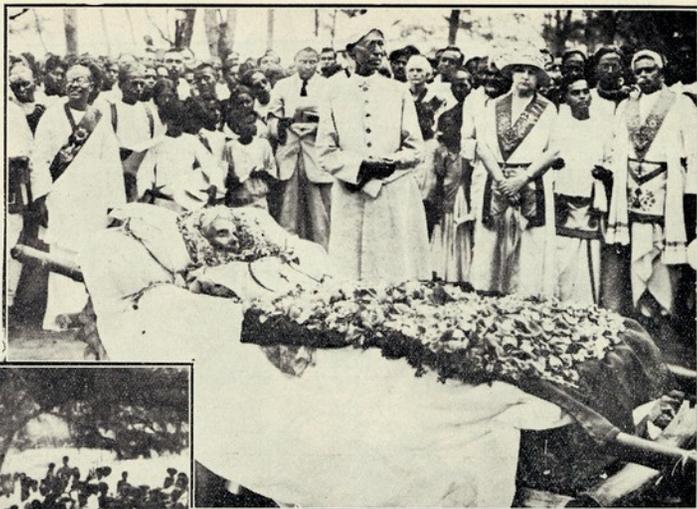
Em cima: á esquerda, o Sport Lisboa e Beira, que veio a esta cidade a convite do Grupo Desportivo Aguias Negras (gravura da direita] com o qual realizou um desafio, tendo perdido por 4-3.

Ao centro: à esquerda, o team do «Carvalho Araujo»; á direita, os capitãis dos teams do Sport Lisboa e Beira e Aguias Negras fazendo a troca de ramos.

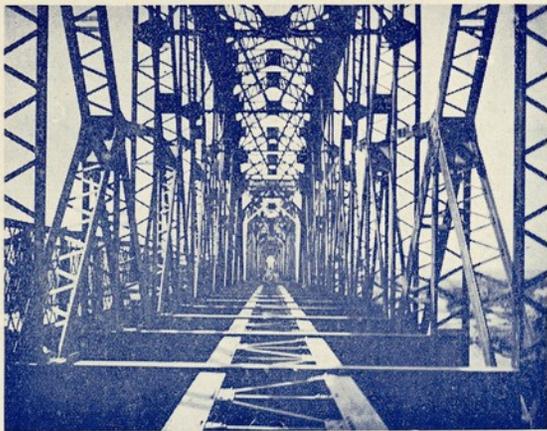
A seguir: o team do Esquadrão de Dragões, que jogou com o team do «Carvalho Araujo», saindo este vencedor por 2-1.

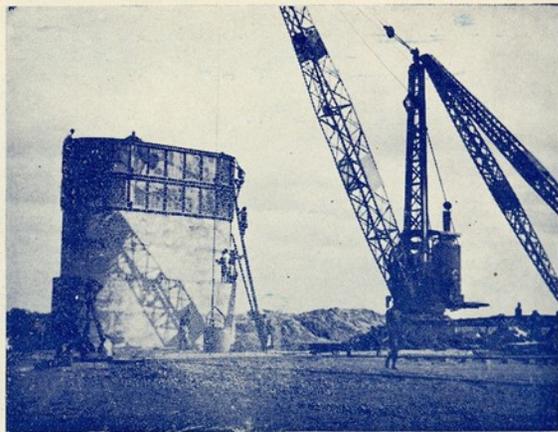
Em baixo: A' esquerda, o team da «Shell» que bateu o team da «Vacuum» (gravura á direita) por 6-0.

Uma teosofista celebre

A doutora Annie Besant, senhora inglesa que viveu muitos anos na India dedicada á Teosofia, acaba de falecer. Uma das nossas gravuras mostra-nos a famosa teosofista no seu leito de morte cercada por muitos dos seus sequases e fervorosos admiradores.

O seu funeral, por decisão sua, fez-se segundo os costumes do povo que ela tanto amava e com o cerimonial respectivo.

A outra gravura mostra-nos a pira do funeral na ocasião em que a acenderam. Antes da pira ser acesa para o sacrificio final, foi-lhe prestada uma grande homenagem pelo bispo Ladbeater e pelo vice-presidente da Sociedade Teosofica, sr. A. P. Warrington.

A doutora Annie Besant era considerada na India como uma das mulheres mais puras e mais celebres do mundo.

A' esquerda:

Interior em construção 7m,50 de largo.

A' direita:

Um pilar principal 5.670 toneladas de peso e 517 de cimento armado

«... Quando a ponte sôbre o Zambeze fôr aberta ao tráfego entre a Beira e Blantyre e até ao Lago, poderá diminuir-se o tempo de viagem, entre aquelas duas primeiras localidades, em cêrca de 24 horas.

Os territórios da Companhia de Moçambique, indubitávelmente beneficiarão com a construção da ponte sôbre o Zambeze, tendo especiais vantagens com a expansão do tráfego; e, se como tudo leva a crer, for possível num futuro próximo ligar a linha férrea com algumas minas de carvão, quer na Niassalandia, quer no distrito de Tete, a Beira tornar-

A maior ponte sobre rio em todo o mundo!

-se-á também um importante pôrto carvoeiro...

(Do «Anuário de Lourenço Marques», de 1933).

* * *

Que é uma obra grandiosa a ponte sôbre o Zambeze — basta dizer que uma vez construida, ficará sendo a maior sôbre rio, em todo o mundo!

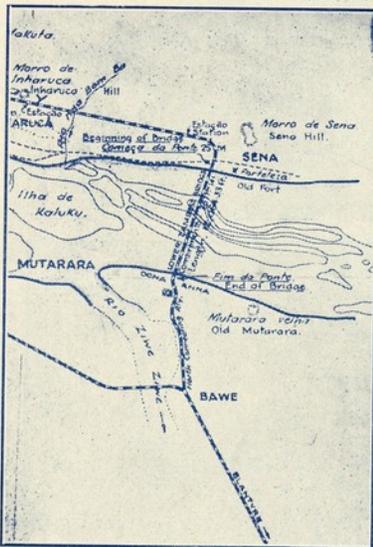
Em extensão apenas outras quatro pontes se lhe aproximam: duas na Inglaterra, a «Tay Bridge» (3.208^{m}) e «Forth Bridge» (2.530); e, na India, outras tantas: a «Upper Stone Bridge» (3.064^{m}) e «Godvari Bridge» (2.772).

É facto que a «Hell Gate Bridge», nos Estados Unidos da América do Norte tem 4.131 metros; mas é preciso reparar que esta ultima tem sobre rio (aliás, três rios) apenas 834, sendo os restantes 3.297 sôbre terra.

Baterá, pois, o record em extensão, uma vez construida, a ponte sôbre o Zambeze.

* * *

Vamos a comparações para melhor compreensão:

Os leitores de Lourenço Marques que se admiram, e com justificada razão, do comprimento da sua Avenida 24 de Julho (3.740^{m}),

Traçado da ponte

podem fazer uma idea da grandeza da ponte, sabido que a sua extensão é de 3.678 metros, isto é, apenas menos 62 que a «24 de Julho» e mais 48 que a «Pinheiro Chagas», e cêrca de duas vezes o comprimento da «Paiva Manso».

Terá esta obra gigantesca um total de 103 pilares, sendo em numero de 34 os «principais» e 55 os de aço, de viaducto, além de outros considerados «secundários».

É de 6, o numero de pilares fundeados sob ar comprimido.

Causa assombro êste dado: o pêso de «um pilar principal» de máxima altura e profundidade, é de 5.670 toneladas e só de cimento nele empregado — 517 toneladas!

A altura do maior pilar é de 48 metros; e a sua profundidade desde o leito do rio — note-se bem — até á sua fundação, é de 36 metros.

Dos 103 pilares atrás citados (principais, secundários e outros) encontram-se já construidos, 74. Dos chamados «principais», 19.

A ponte sobre o rio Zambeze

A altura da ponte, suposto o nível de uma máxima cheia até a parte inferior dos tramos, é de 7^{m},24.

A largura, cerca de 7 metros e meio.

Mais dados interessantes:

A área da base dos pilares principais é de 59 metros quadrados. Actualmente trabalham nesta formidavel obra cerca de 150 europeus e uns 3.300 indígenas.

O custo total está orçado em £ 2.500.000 (dois milhões e quinhentas mil libras!), para mais que não para menos.

* * *

A ponte sôbre o Zambeze deve estar aberta ao transito em fins de 1935.

Terá que ver!

Mas, até lá, contente-se o leitor com as gravuras do «Ilustrado».

Beira, 9 de Outubro de 1933.

MÁRIO COSTA.

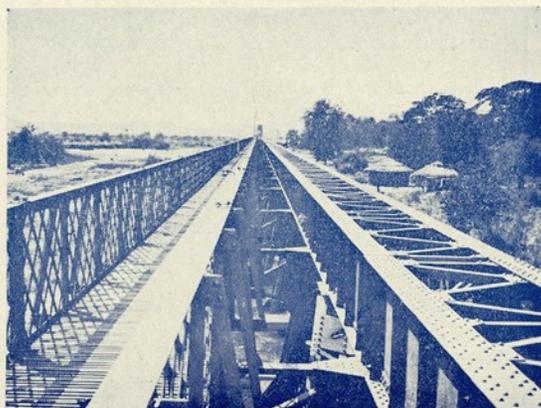
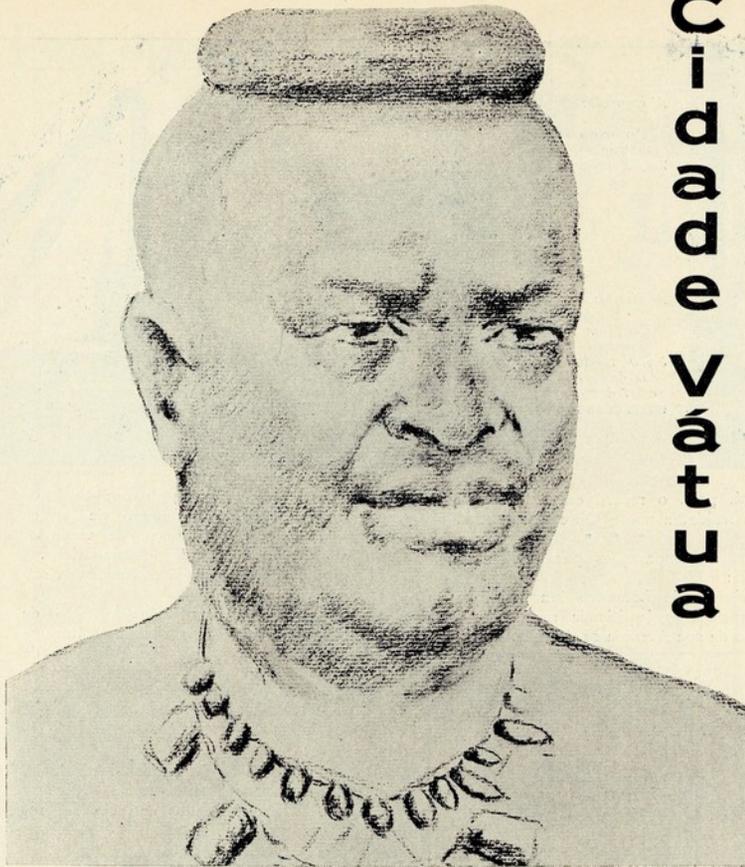
A esquerda:

Alguns dos pilares principais

A' direita:

Passerelle. A parte á esquerda, é reservada a peões.

Fotos de André Moura

BEIRA

Cidade Vátua

O sr. Francisco Toscano, velho colono que tam afincadamente se tem dedicado á compilação de elementos historicos mormente na parte que diz respeito á vida e acção do régulo Gungunhana, sobre a qual, com a colaboração do jornalista Julião Quintinha, escreveu já um largo volume «A derrocada do império vátua», acaba, sobre um estudo seu, de mandar executar a reconstituição topográfica do «Kraal» daquele régulo, na Manguanhana, sobre a qual redigiu as interessantes notas que damos a seguir.

* * *

O Kraal de Manguanhana, cuja reconstituição topográfica foi recentemente feita, assentava numa elevação de terreno arenoso, cercada de lagôas e terrenos alagadiços por todos os lados.

Esta colina, ou elevação de terreno, tem cerca de 12 quilometros de comprimento por seis de largo.

Para a construção das muitas e grandes palhotas deste Kraal, ao qual daremos o nome de «Cidade Vátua», foi destruida uma mata de «simbirre» (pau de ferro) que existia em Mamitelane, na região de Mafongoza, que ficava ao norte da referida colina e Langua Chambanhati.

Este ponto, altamente estrategico, nesse tempo, foi escolhido pelos chefes de guerra do Gungunhana, Maguiguana, Machamene, Quêto e Manhune, porque já não se sentiam seguros no Kraal de Mand'lhacaze na Lagôa Suli, ali construido em 1889. Vendo que a Lagôa Suli estava proxima do Limpopo e era acessivel aos brancos (portugueses) resolveram em «Band'lha» de Abril de 1892, mudar o Kraal para Manguanhana, conforme o «croquis» que publicamos.

Neste Kraal de Manguanhana deram-se grandes acontecimentos politicos nos anos de 1893, 1894 e 1895; ali foram várias missões de Cecil Rhodes, chefiadas pelos drs. Jameson e Schultz, com vários presentes da Rainha Vitoria para o régulo de Gaza... O primeiro presente foi um carro com duas muares, mil armas Martini Henry com algumas dezenas de milhares de cartuchos; o segundo foi um carregamento de armas e munições que foram metidas no fundo do Ynhampura, na foz do Limpopo.

Os drs. Jameson e Schultz, quando em fins de 1894 foram a Manguanhana negociar tratados e concessões com o Gungunhana, levaram-lhe mais uns presentes da Rainha Vitoria: uma grande cadeira de espaldar e um copo de cristal com asa de ouro.

Estes presentes vinham sempre com a chancela da Rainha Vitória, quando é certo e de todos bem sabido que estas manobras politicas partiam somente de Cecil Rhodes e dos seus sequazes. A ilustre Rainha só muito mais tarde teve conhecimento, pelos relatórios secretos e politicos de Cecil Rhodes, da existencia de um Gungunhana em Gaza.

O potentado de Gaza raras vezes se utilisava do carro oferecido pela Rainha Vitória mas foi nele que fugiu no dia 11 de Novembro de 1895, do seu Kraal de Manguanhana, para Chaimite, onde foi preso em 28 de Dezembro do mesmo ano por Mousinho de Albuquerque.

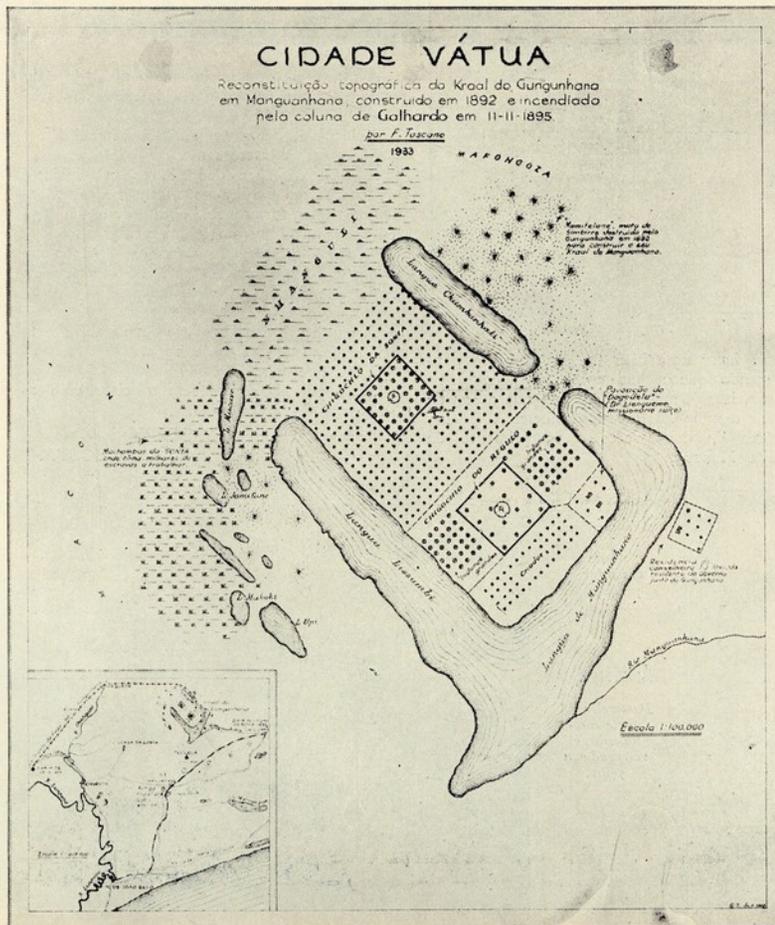
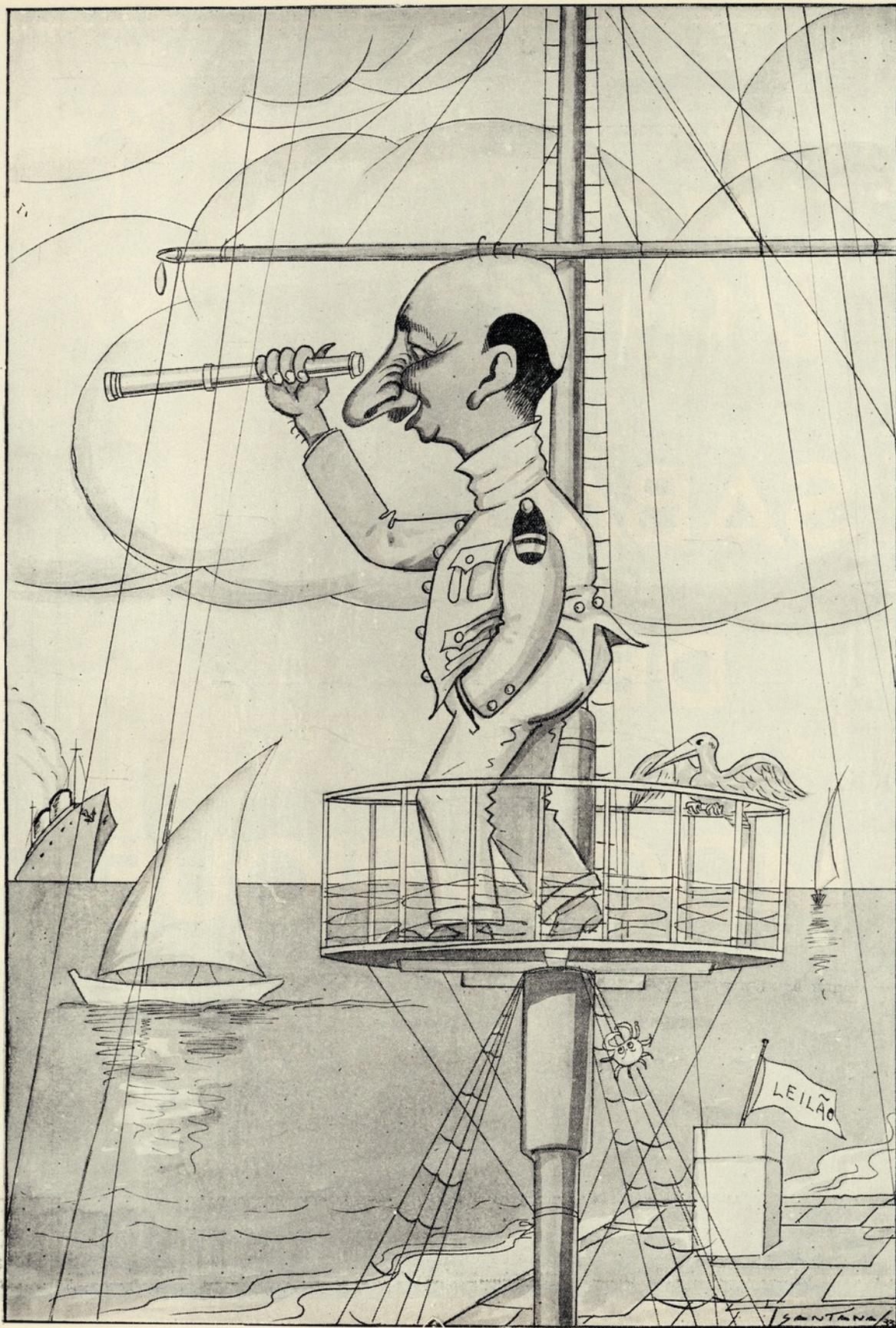
O seu cocheiro, era o indigena de nome Acamela, que ainda hoje vive no norte do Transvaal.

Na cadeia de espaldar ainda o régulo se sentou algumas vezes, mas pelo tal copo de cristal com asa de ouro nunca ele quis beber, certamente com receio de ser envenenado...

Dentro do Kraal e ao lado do «Chigochlo» (residencia) do régulo, lá estava o «Dogodella» Dr. Lienguem, missionário suiço, seu intérprete e conselheiro, ao qual António Enes se refere no seu livro «A Guerra em Africa de 1895».

Dentro do «Chigochlo» lá estava tambem o celebre casal Felz, muito da intimidade do régulo de Gaza...

Outubro de 1933.

F. TOSCANO.

— Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal!...